

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Forever, Interrupted*

Autora: *Taylor Jenkins Reid*

Copyright © 2013 by Taylor Jenkins Reid

Edição original publicada por Washington Square Press, uma divisão de Simon & Schuster, Inc.

Edição portuguesa publicada por acordo com Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna

Agencia Literaria, SL

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Isabel Nunes*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição: *Miguel Trindade*

Impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 402 587/15

1.ª edição, Lisboa, fevereiro, 2016

Reservados todos os direitos para  
a língua portuguesa (exceto Brasil) à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

# *Parte 1*



## JUNHO

— Já decidiste se vais mudar de apelido? — pergunta-me o Ben. Está sentado ao fundo do sofá a massajar-me os pés. Está tão giro. Como é que acabei por arranjar um tipo tão giro?

— Ando a pensar nisso — digo eu para o arreliar, mas é mais que isso. O meu rosto abre-se num sorriso. — Acho que sim.

— A sério? — pergunta ele, entusiasmado.

— Gostavas? — pergunto-lhe.

— Estás a gozar? — diz ele. — Quero dizer, não é obrigatório. Se achas que é uma ofensa ou... não sei, se diminuir o teu apelido. Quero que tenhas o apelido que desejares — insiste. — Mas se coincidir com o meu — cora ligeiramente —, podia ser muito fixe.

Parece demasiado *sexy* para marido. Imaginamos os maridos como homens gordos que estão a ficar carecas e que levam o lixo para a rua. Mas o meu marido é *sexy*. É jovem, alto e forte. É tão perfeito. Pareço uma idiota. Mas é assim que a coisa deve ser, não é? Como recém-casada, espera-se que o veja através de umas lentes cor-de-rosa. — Estava a pensar escolher Elsie Porter Ross — informo-o.

Ele para de me massajar os pés. — Isso é o máximo — afirma. Rio-me. — Porquê?

— Não sei — confessa, recomeçando a massajar-me os pés. — Provavelmente é uma estupidez qualquer própria do homem das cavernas. É que gosto da ideia de sermos os Rosses. Somos Mr. e Mrs. Ross.

— Eu cá gosto — declaro. — Mr. e Mrs Ross. É o máximo.  
— Foi o que eu disse!

— Fica decidido. Assim que a certidão de casamento chegar, mando-a para o Registo Automóvel ou lá para onde é que é preciso.

— Formidável — diz ele, largando-me os pés. — OK, Elsie Porter Ross, é a minha vez.

Agarro-lhe os pés. Impera o silêncio por momentos, enquanto eu, distraída, lhe massajo os dedos dos pés através das meias. Os meus pensamentos vagueiam e, passado algum tempo, apercebo-me, sobressaltada, de que tenho fome.

— Tens fome? — pergunto-lhe.

— Neste momento?

— Não sei porquê, mas apetece-me mesmo *Fruity Pebbles*.

— Não temos cereais? — pergunta Ben.

— Não, temos, mas é que... apetece-me *Fruity Pebbles*. — Temos cereais para adultos, caixas cheias de retângulos integrais fortificados com fibra.

— Bem, vamos comprá-los? Tenho a certeza de que o CVS ainda está aberto e sei que vendem *Fruity Pebbles*. Ou então vou eu lá buscar-tos.

— Não, não posso deixar-te ir, isso fazia de mim uma preguiçosa incrível.

— É verdade, mas és minha mulher e amo-te e quero que tenhas o que te apetece. — Começa a levantar-se.

— Não, a sério, não é preciso.

— Eu vou. — Ben sai da sala por um momento e volta com a bicicleta e os sapatos.

— Obrigada! — agradeço-lhe, estendida no sofá a ocupar o espaço que ele vagou. Sorri-me, abre a porta da rua e empurra a bicicleta. Ouço-o a baixar o apoio e sei que vai voltar a entrar para me dizer adeus.

— Amo-te, Elsie Porter Ross — declara, curvando-se sobre o sofá para me beijar. Pôs o capacete da bicicleta e as luvas e sorri-me. — Gosto mesmo de ouvir isto.

Faço-lhe um grande sorriso. — Amo-te — lembro-lhe. — Obrigada.

— Não tens de quê. Amo-te! Volto já. — Fecha a porta ao sair. Volto a deitar a cabeça e pego num livro, mas não consigo concentrar-me. Sinto-lhe a falta. Passam vinte minutos e começo a ansiar pelo seu regresso mas a porta não se abre. Não ouço ninguém na escada.

Quando já passaram trinta minutos, ligo-lhe para o telemóvel. Não atende. Ocorrem-me diversas possibilidades, todas improváveis e absurdas. Conheceu outra pessoa. Parou num clube de *strip*. Volto a ligar, e o meu cérebro começa a pensar em razões mais realistas que expliquem o atraso, todas mais razoáveis e, logo, mais assustadoras. Quando volta a não atender, salto do sofá e saio de casa.

Não sei bem o que espero ver, mas olho ao longo da rua para ambos os lados a ver se há sinais dele. É idiota pensar que está ferido? Não sei o que pensar. Tento manter-me calma e digo a mim própria que deve estar preso num engarrafamento qualquer de que não consegue livrar-se ou talvez tenha encontrado um velho amigo. Os minutos começam a abrandar, parecem horas. Cada segundo que passa é um período de tempo insuportável.

Sirenes.

O som de sirenes aproxima-se. Vejo as luzes a piscar por cima dos telhados da minha rua. O seu alarme ruidoso parece estar a chamar-me, ouço o meu nome nos seus gemidos repetitivos: *El-sie, El-sie*.

Começo a correr. Quando chego ao fim da rua, sinto o frio do cimento nas solas dos pés. As calças de treino finas não se adequam ao vento que sopra, mas continuo a correr até chegar à origem.

Vejo duas ambulâncias e um carro de bombeiros. Há alguns carros da polícia que formam uma barricada na zona. Avanço o mais possível por entre o tumulto antes de me deter. Vejo alguém a ser içado para uma maca e um grande camião de mudanças tombado na berma da rua. Tem as janelas partidas e os estilhaços jazem em seu redor. Observo atentamente o camião, tentando perceber o que aconteceu. É então que vejo que não há apenas vidros, a rua está coberta por pedacinhos de outra coisa qualquer. Aproximo-me e vejo um deles aos meus pés. É um *Fruity Pebble*. Esquadrinho a área em busca daquilo que rezo para não ver mas que avisto imediatamente. Mesmo na minha frente — como posso não ter visto? —, meio debaixo do camião, está a bicicleta do Ben, torcida e despedaçada.

O mundo queda-se em silêncio, as sirenes calam-se. A cidade imobiliza-se, e o meu coração começa a bater tão depressa que me dói o peito. Sinto o sangue pulsar-me no cérebro. Está tanto calor! Quando é que ficou tão quente na rua? Não consigo respirar. Acho que não consigo respirar. Não estou a respirar.

Nem percebo que comecei a correr até chegar às portas da ambulância. Começo a bater nelas e dou pulos a tentar bater na janela, demasiado alta para lhe chegar. Entretanto, só me chega o som dos *Fruity Pebbles*, esmagados sob os meus pés. Trituro-os sobre o passeio de cada vez que salto. Despedaço-os em milhões de pedacinhos.

A ambulância arranca. Ele está lá dentro? O Ben está lá dentro? Estão a mantê-lo vivo? Encontra-se bem? Está magoado? Talvez esteja na ambulância por razões de protocolo, mas encontra-se bem. Talvez esteja por ali, algures. Talvez na ambulância seguisse o condutor do camião. O tipo tem de estar morto certamente. Era impossível sobreviver. Portanto o Ben tem de estar bem. É esse o *karma* de um acidente: o tipo mau morre, o bom sobrevive.

Viro-me e olho em redor, mas não vejo o Ben em lado nenhum. Começo a gritar o seu nome, sei que está bem, tenho a certeza. Só preciso que aquilo termine. Só quero vê-lo com um leve arranhão e alguém a dizer-lhe que pode ir para casa. Vamos para casa, Ben, aprendi a lição e nunca mais te deixo fazer-me um favor tão estúpido. Aprendi a lição, vamos para casa.

— *Ben!* — grito para o ar noturno. Está tanto frio. Como é que ficou assim tão frio? — *Ben!* — grito de novo. Sinto que ando a correr às voltas até que um polícia me faz parar.

— Minha senhora — diz e agarra-me os braços. Continuo a gritar. O Ben tem de me ouvir, precisa de saber que estou ali, precisa de saber que são horas de ir para casa. — Minha senhora — diz de novo o polícia.

— *Que foi?* — grito na cara dele. Desprendo os braços e dou uma volta. Tento correr para o interior do que é claramente uma zona restrita. Sei que quem quer que tenha demarcado aquela área havia de querer que eu passasse. Havia de perceber que só preciso de encontrar o meu marido.

O polícia alcança-me e agarra-me outra vez. — Minha senhora! — repete, desta vez num tom mais ríspido. — Não pode estar

aqui agora. — Será que ele não compreende que é exatamente ali que eu tenho de estar?

— Tenho de encontrar o meu marido — explico-lhe. — Pode estar ferido. Aquela é a bicicleta dele. Tenho de o encontrar.

— Minha senhora, levaram o seu marido para o Cedars-Sinai. Tem alguém que a leve lá?

Os meus olhos miram-lhe o rosto, mas não compreendo o que está a dizer.

— Onde é que ele está? — pergunto. Preciso que mo diga outra vez. Não compreendo.

— Minha senhora, o seu marido vai a caminho do Hospital Cedars-Sinai. Levaram-no para as urgências. Quer que eu a leve lá?

Não está ali? Penso. Estava naquela ambulância?

— Ele está bem?

— Minha senhora, não posso...

— *Ele está bem?*

O agente olha para mim, tira o boné e encosta-o ao peito. Sei o significado daquele gesto, vi fazê-lo à porta de viúvas de guerra em filmes de época. Numa reação automática, começo a ofegar violentamente.

— Tenho de o ver! — grito por entre as lágrimas. — Tenho de o ver! Tenho de estar com ele! — Caio de joelhos no meio da rua, os cereais a esmigalharem-se debaixo de mim. — Ele está bem? Devia estar junto dele. Diga-me só se está vivo.

O polícia olha-me cheio de pena e de culpa. Nunca tinha visto ambas as expressões em conjunto, mas são fáceis de reconhecer. — Minha senhora, lamento, mas o seu marido...

O polícia não se apressa, não é a adrenalina que o sustém, como a mim. Sabe que não vale a pena apressar-se. Sabe que o corpo morto do meu marido pode esperar.

Não o deixo terminar a frase. Sei o que vai dizer e não posso acreditar. Recuso-me a acreditar. Grito-lhe, batendo-lhe com os punhos no peito. É um homem enorme, pelo menos com um metro e noventa, e agiganta-se acima de mim, fazendo-me sentir uma criança. Isso, porém, não me detém. Continuo a esbracejar e a bater-lhe, desejosa de o esbofetear e de lhe dar pontapés. Quero fazê-lo sofrer tanto como eu.

— Ele faleceu na colisão. Lamento.

É então que caio no chão. Começa tudo a girar, e ouço as minhas pulsações, mas não consigo concentrar-me nas palavras do polícia. Nunca pensei que acontecesse uma coisa daquelas. Pensava que as coisas más só aconteciam a pessoas presunçosas, não a pessoas como eu, que sabem como a vida é frágil, que respeitam a autoridade de um poder superior. Mas aconteceu, aconteceu-me a mim.

O meu corpo acalma-se, e os olhos secam. O rosto gela, e o meu olhar bate num andaime e ali fica. Não consigo concentrar-me, tenho os braços dormentes. Não sei bem se estou de pé ou se estou sentada.

— Que aconteceu ao condutor? — pergunto ao polícia, calma e tranquila.

— Desculpe?

— Que é que aconteceu à pessoa que conduzia o camião das mudanças?

— Faleceu, minha senhora.

— Ótimo — digo eu. Falo como uma sociopata, e o polícia limita-se a fazer um gesto de cabeça, talvez a assinalar um acordo subentendido segundo o qual ele finge que não me ouviu dizer aquilo, e eu posso fingir que não desejo que outra pessoa tenha morrido. Mas não tenho vontade de me desdizer.

Agarra-me na mão e leva-me para a parte da frente do carro da polícia. Utiliza a sirene para abrir caminho por entre o trânsito, e vejo as ruas de Los Angeles a passar num ápice. Nunca me pareceram tão feias.



Quando chegamos ao hospital, o agente instala-me na sala de espera. Treme de tal maneira que a cadeira onde me sento treme comigo.

— Tenho de entrar — digo-lhe. — Tenho de entrar! — grito mais alto. Reparo na placa com o seu nome: Agente Hernandez.

— Compreendo. Vou tratar de saber todas as informações possíveis. Creio que lhe vão destinar um assistente social. Volto já.

Ouçoo falar, mas não consigo reagir nem aceitar a sua presença. Fico sentada na cadeira a olhar para a parede do fundo e sinto a cabeça a balançar de um lado para o outro. Sinto que me levanto e me dirijo ao balcão dos enfermeiros, mas sou intercetada pelo agente Hernandez, que volta para trás. Acompanha-o um homem baixo de meia-idade, de camisa azul e gravata vermelha. Aposto que o idiota acha que é a sua gravata da sorte, aposto que pensa que tem um bom-dia quando a usa.

— Elsie — diz ele. Devo ter dito o meu nome ao agente, mas nem me lembro. O homem estende a mão como se eu lha fosse apertar, mas não vejo a necessidade de formalismos no meio da tragédia. Deixo-a ali pendurada. Antes de tudo isto, nunca teria negado apertar a mão a alguém. Sou uma pessoa simpática, por vezes até um pouco frouxa. Não me consideram «difícil» ou «rebelde».

— A senhora é a mulher de Ben Ross? Tem consigo a carta de condução? — pergunta-me o homem.

— Não. Eu... saí de casa a correr. Não tenho... — Olho para os meus pés. Nem sequer trago sapatos, e aquele homem acha que eu tenho a carta de condução?

O agente Hernandez vai-se embora. Vejo-o a afastar-se devagar, desajeitado. Acha que já cumpriu o seu dever, de certeza. Quem me dera estar no seu lugar, quem me dera afastar-me daquilo tudo e ir para casa. Iria para casa, para o meu marido e uma cama quente. O meu marido, uma cama quente e a porcaria de uma tigela de *Fruity Pebbles*.

— Lamento, mas não podemos ainda deixá-la ir, Elsie — diz o homem da gravata vermelha.

— Porquê?

— Os médicos estão a trabalhar.

— Ele está *vivo*? — grito. Como a esperança consegue voltar com tanta rapidez.

— Não, lamento. — Abana a cabeça. — O seu marido morreu esta noite, há algum tempo. Estava indicado como dador de órgãos.

Sinto-me como se estivesse num elevador que se precipita para o chão. Estão a tirar-lhe pedaços e a dá-los a outras pessoas. Estão a tirar-lhe os órgãos.

Sento-me de novo, morta por dentro. Uma parte de mim quer gritar àquele homem que me deixe entrar. Que me deixe vê-lo. Quero correr pelas portas de batente e encontrá-lo, abraçá-lo. Que lhe estão a fazer? Mas estou gelada. Também morri.

O homem da gravata vermelha afasta-se por pouco tempo e regressa com chocolate quente e uns chinelos. Tenho os olhos secos e cansados, mal consigo ver. Todos os meus sentidos estão entorpecidos. Sinto-me encurralada no meu próprio corpo, separada dos que me rodeiam.

— Tem alguém a quem possamos telefonar? Os seus pais?

Abano a cabeça. — À Ana — digo. — Devia telefonar à Ana.

Ele pousa a mão no meu ombro. — Pode escrever o número da Ana? Eu telefono-lhe.

Faço um gesto de concordância, e ele dá-me um papel e uma caneta. Preciso de um minuto para me lembrar do número dela e engano-me algumas vezes até o escrever corretamente. Quando lhe dou o papel tenho a certeza de que o número está certo.

— E o Ben? — pergunto. Não sei bem o que quero dizer, só que... ainda não posso desistir. Ainda não posso entrar na fase do

«telefonem a alguém para a levar a casa e tomarem conta dela». Temos de lutar contra isto, certo? Tenho de o encontrar e de o salvar. Como é que posso fazer isso?

— As enfermeiras telefonaram aos parentes mais próximos.

— O quê? O parente mais próximo sou eu.

— Parece que a carta de condução dele trazia uma morada em Orange County. Tivemos de notificar legalmente a família.

— E a quem telefonaram? Quem é que vem aí? — Mas já sabia quem era.

— Vou ver se consigo descobrir. Vou telefonar à Ana e volto já, OK?

Digo que sim com a cabeça.

Vejo e ouço outras famílias à espera aqui na sala. Algumas pessoas mostram-se sombrias, mas a maioria parece bem. Há uma mãe com uma filha, uma menina. Estão a ler um livro. Há um rapaz que encosta uma bolsa de gelo ao rosto, sentado ao lado do pai, que parece aborrecido. Há um casal de adolescentes de mãos dadas. Não sei por que motivo ali estão, mas a julgar pelo sorriso nos rostos e pela forma como namoriscam, só posso concluir que não é urgente e... tenho vontade de gritar com eles. Tenho vontade de lhes dizer que as urgências são para casos urgentes e que não deviam estar ali com aquele ar feliz e despreocupado. Tenho vontade de lhes dizer para irem para casa e serem felizes noutra sítio porque não preciso de ver aquilo. Não me lembro de como é ser como eles. Nem sequer me lembro de como é ser eu própria antes de isto ter acontecido. Tudo o que tenho é esta terrível sensação de pavor. Isso e a minha raiva contra aqueles dois merdosos que não apagam o sorriso da porcaria da cara.

Odeio-os e odeio a merda das enfermeiras que continuam com o seu trabalho como se não fosse o pior dia das suas vidas. Fazem telefonemas e fotocópias e bebem café. Odeio-as por conseguirem beber café numa altura destas. Odeio toda a gente no hospital inteiro por não se sentirem infelizes.

O homem da gravata vermelha regressa e diz que a Ana vem a caminho. Oferece-se para se sentar e fazer-me companhia enquanto espero. Encolho os ombros. Ele que faça o que quiser. A sua presença

não me consola, mas impede-me de correr para uma pessoa qualquer e de lhe gritar por estar a comer um chocolate numa altura daquelas. O meu pensamento regressa aos *Fruity Pebbles* espalhados pela rua, e sei que lá continuarão quando voltar para casa. Sei que ninguém os terá limpado porque não imaginarão como seria horrível voltar a vê-los. Depois penso que o Ben morreu por uma razão tão estúpida. Morreu por causa de *Fruity Pebbles*. Seria divertido se não fosse tão... Nunca será divertido. Nada disto tem graça, incluindo o facto de ter perdido o meu marido porque tive desejos de comer cereais infantis inspirados nos desenhos animados dos Flintstones. Odeio-me por isto. Não há mais ninguém a quem odeie tanto.

A Ana aparece num pânico alvoroçado. Não sei o que o homem da gravata vermelha lhe disse. Ele levanta-se para a cumprimentar quando ela corre para mim. Vejo-os a falar mas não ouço o que dizem. Falam por um segundo apenas antes de ela correr para o meu lado e me envolver nos braços. Deixo-os ali pousados, mas não tenho energia para a abraçar também. Nunca existiu um abraço tão apagado. Ela sussurra-me ao ouvido «Lamento», e deixo-me desfalecer nos seus braços.

Não tenho força para me endireitar, nenhum desejo de esconder a dor. Solto gemidos ali, na sala de espera. Solução e arquejo de encontro aos seios dela. Em qualquer outro momento da minha vida, afastaria a cabeça daquela parte do seu corpo. Sentir-me-ia incomodada com os olhos e os lábios tão próximos de uma zona sexual do corpo, mas naquele momento o sexo parece trivial e estúpido. Parece algo que os idiotas fazem quando estão aborrecidos. Os tais adolescentes felizes fazem-no provavelmente numa desportiva.

Os braços dela a envolver-me não me confortam. As lágrimas saltam-me dos olhos como se as forçasse, mas não é verdade. Caem sozinhas. Nem sequer me sinto triste. Este nível de devastação vai de tal modo para além das lágrimas que as minhas me parecem irrisórias e tolas.

— Viste-o, Elsie? Tenho tanta pena.

Não lhe respondo. Estamos sentadas no chão da sala de espera por um tempo que parecem horas. Por vezes gemo, outras vezes não sinto nada. A maior parte do tempo, deixo-me estar nos braços

dela, não porque precise mas por não querer olhar para ela. Por fim, a Ana levanta-se e encosta-me à parede e depois vai até ao balcão das enfermeiras e começa a gritar.

— Quanto mais tempo demorará até podermos ver o Ben Ross? — grita para a jovem enfermeira latino-americana sentada ao computador.

— Minha senhora — responde a enfermeira, levantando-se, mas a Ana afasta-se dela.

— Não, não me venha cá com delicadezas. Diga-me onde é que ele está. Deixe-nos entrar. — O homem da gravata vermelha aproxima-se e tenta acalmá-la.

Falam por alguns minutos. Vejo-o a tentar tocar-lhe, para a consolar, mas ela afasta o ombro com uma sacudidela para fora do alcance dele. Ele está só a cumprir o seu dever. Ali, toda a gente está só a cumprir o seu dever. Que cambada de idiotas.

Vejo uma mulher mais velha a entrar de rompante pelas portas da rua. Parece ter aí sessenta anos e tem cabelo comprido de um castanho-avermelhado que lhe cai em ondas em volta do rosto. O rímel escorre-lhe pelas faces, traz uma mala castanha ao ombro e um xaile preto-acastanhado cobre-lhe o peito. Traz lenços de papel nas mãos. Desejo que a minha dor fosse suficientemente serena para usar lenços. Tenho estado a limpar o ranho às mangas e ao decote e deixado que as lágrimas formem poças no chão.

Ela corre para o balcão da receção e depois resigna-se e senta-se. Quando ela se vira e me encara momentaneamente, sei logo quem é. Fico a olhar para ela, não consigo afastar o olhar. É a minha sogra, uma completa estranha. Vi uma fotografia dela algumas vezes num álbum de fotografias, mas ela nunca viu o meu rosto.

Afasto-me na direção da casa de banho. Não sei como me hei de apresentar. Não sei como lhe dizer que estamos ambas ali pelo mesmo homem. Que choramos ambas a mesma perda. Paro em frente do espelho e observo-me. Tenho o rosto vermelho e inchado, os olhos inflamados. Olho para o meu rosto e penso que tinha alguém que o amava e que agora partiu. E agora já ninguém ama o meu rosto.

Saio da casa de banho, e ela já não está ali. Viro-me e vejo que a Ana me agarra o braço. — Podes entrar — diz ela e leva-me

até junto do homem da gravata vermelha, que me acompanha pelas portas de batente.

O homem da gravata vermelha detém-se do lado de fora de uma sala e pergunta-me se eu quero que ele entre comigo. Por que motivo havia de o querer? Acabei de o conhecer, ele para mim significa nada. O homem dentro daquela sala significa tudo. O *nada* não me ajuda perante o facto de ter perdido *tudo*. Abro a porta, e há outras pessoas na sala, mas tudo o que vejo é o corpo do Ben.

— Desculpe! — diz a minha sogra por entre as lágrimas. É um som fraco mas terrível. Ignoro-o.

Agarro o rosto dele nas mãos, frio sob o meu toque. Tem as pálpebras fechadas. Não vou voltar a ver-lhe os olhos. Ocorre-me que podem não estar lá. Não consigo olhar. Não quero pensar nisso. Tem o rosto magoado, e não sei o significado disso. Querará dizer que ficou ferido antes de morrer? Terá morrido, só e abandonado, ali na rua? Oh meu Deus, terá sofrido? Sinto-me desfalecer. Tem o peito e as pernas cobertas por um lençol, e tenho medo de o afastar. Tenho medo de que o Ben fique exposto em demasia, que haja demasiado para ver. Ou que demasiado tenha desaparecido.

— Segurança! — brada ela para o ar.

Enquanto seguro a mão do Ben, e um segurança aparece à porta, olho para a minha sogra. Não tem motivo para saber quem eu sou, não tem motivo para compreender o que faço ali, mas tem de saber que amo o seu filho. Isso, pelo menos, já deve ser óbvio.

— Por favor — imploro-lhe. — Por favor, Susan, não faça isso.

Ela olha-me, curiosa e confusa. O simples facto de eu saber o seu nome diz-lhe que há qualquer coisa que lhe escapa. Faz um gesto subtil de cabeça e olha para o segurança. — Desculpe. Dá-nos um momento? — Ele sai da sala, e Susan olha para a enfermeira. — A menina também, obrigada. — A enfermeira sai e fecha a porta.

A Susan tem um ar torturado, aterrado mas tranquilo, como se lhe restasse apenas a compostura necessária para ultrapassar os próximos cinco segundos antes de se desintegrar.

— A mão dele tem uma aliança de casamento — diz-me ela. Olho-a e tento continuar a respirar. Ergo humildemente a mão esquerda a condizer.

— Casámos há uma semana e meia — digo-lhe por entre lágrimas. Sinto os cantos dos lábios a descaírem, tão pesados.

— Como se chama? — pergunta-me a tremer.

— Elsie — respondo-lhe. Ela deixa-me aterrada. Parece irada e vulnerável, como uma adolescente em fuga.

— Elsie quê? — persiste num sufoco.

— Elsie Ross.

É então que se vai abaixo. Exatamente como eu. Logo cai no chão, e não há mais lenços de papel que poupem o linóleo às suas lágrimas.

A Ana está sentada a meu lado, a segurar-me na mão. Estou sentada junto do corpo do Ben a soluçar. A Susan desculpou-se e saiu faz algum tempo. O homem da gravata vermelha entra e diz que temos de resolver umas coisas e que o corpo do Ben tem de ser levado. Continuo a olhar em frente, nem sequer me concentro no que está a acontecer até que o homem da gravata vermelha me passa um saco com os pertences do Ben. Contém o telemóvel, a carteira, as chaves.

— O que é isto? — pergunto, embora saiba muito bem.

Antes de o homem poder responder, a Susan aparece à porta, de rosto tenso, os olhos inflamados. Parece mais velha do que quando saiu. Tem um ar exausto. Eu também estou assim? Aposto que sim.

— Que está a fazer? — pergunta ela ao homem.

— Estou... temos de vagar a sala. O corpo do seu filho vai ser transferido.

— Por que motivo lhe está a dar isso? — pergunta Susan diretamente. Fala como se eu não estivesse presente.

— Desculpe?

Ela avança pela sala e tira-me as coisas do Ben. — Todas as decisões sobre o Ben, todos os seus pertences, devem ser-me dirigidos — declara.

— Minha senhora — diz o homem da gravata vermelha.

— Tudo — insiste ela.

A Ana levanta-se e agarra-me para eu ir com ela. Tenciona afastar-me daquela situação e, embora não queira ali ficar naquele momento, não posso ser assim afastada. Tiro o braço da mão da Ana e olho para a Susan.

— Vamos discutir quais os próximos passos? — digo-lhe.



— O que é que há para discutir? — contrapõe. Está fria e controlada.

— Quero dizer... — Não sei bem o que quero dizer.

— Mrs. Ross — principia o homem da gravata vermelha.

— Sim? — tanto eu como a Susan respondemos ao mesmo tempo.

— Desculpe — peço —, a qual se referia?

— À mais velha — esclarece ele, olhando para a Susan. Tenho a certeza de que era um sinal de respeito, mas que a feriu profundamente. A Susan não quer ser uma de duas Mrs. Rosses, isso é óbvio, mas aposto que ainda leva mais a mal ser a mais velha.

— Não vou continuar a dar crédito a isto — afirma para os presentes na sala. — Ela não tem absolutamente nenhuma prova de que o meu filho a conhecia sequer, muito menos de que tenha casado com ela. Nunca ouvi falar dela! O meu próprio filho, vi-o no mês passado. Nunca mencionou nada. Portanto, não, não vou deixar que uma estranha leve para casa os pertences do meu filho. Não autorizo.

A Ana faz um gesto na direção da Susan. — Talvez seja altura de todos voltarmos atrás — sugere.

A Susan vira a cabeça, como se reparasse nela pela primeira vez. — Quem é você? — pergunta. Fala como se fizéssemos alguma palhaçada. Fala como se a surpreendêssemos.

— Sou uma amiga — explica Ana. — E acho que nenhuma de nós está em posição de se comportar racionalmente, portanto que tal respirarmos...

A Susan vira-se para o homem da gravata vermelha, a sua linguagem corporal interrompendo a Ana no meio da frase. — Eu e você precisamos de discutir isto em privado — vocifera.

— Minha senhora, por favor acalme-se.

— Acalmar-me? Está a brincar.

— Susan... — começo eu a dizer. Não sei como tencionava acabar, mas ela está-se nas tintas.

— Cale-se — ordena, erguendo a mão contra o meu rosto, num gesto agressivo e instintivo, como se precisasse de proteger o seu rosto das minhas palavras.

— Minha senhora, a polícia acompanhou a Elsie até aqui. Estava no local do acidente. Não tenho razões para duvidar de que ela e o seu filho eram o que ela disse...

— Casados? — O tom dela era de incredulidade.

— Sim — diz o homem da gravata vermelha.

— Telefone para a Câmara! Quero ver uma certidão!

— Elsie, tem uma cópia da sua certidão de casamento que possa mostrar a Mrs. Ross?

Sinto-me a encolher em frente deles. Não quero encolher, quero ficar alta. Quero mostrar-me orgulhosa, confiante. Mas tudo aquilo é demasiado e não tenho nada que me defenda.

— Não, mas, Susan... — digo, enquanto as lágrimas me caem pela cara abaixo. Sinto-me tão feia, tão pequena, tão estúpida.

— *Pare de me tratar assim!* — grita ela. — Nem sequer me conhece. Pare de me tratar pelo nome!

— Muito bem — digo. Olho em frente, centrada no corpo presente na sala. O corpo do meu marido. — Fique com tudo — prossigo. — Não quero saber. Podemos ficar aqui a gritar o dia todo que não muda nada. Portanto, estou-me nas tintas a quem dão a carteira dele.

Coloco um pé à frente do outro e saio. Deixo o corpo do meu marido ali com ela, mas assim que os meus pés pisam o corredor, assim que a Ana fecha a porta, arrependo-me de ter saído. Devia ter ficado com ele até a enfermeira me expulsar.